

## MONTEIRO LOBATO: A MÁQUINA EM ANDAMENTO

Gláucia Soares Bastos  
(Colégio Pedro II)

### RESUMO

Neste ensaio é analisada uma carta enviada em 1914 por Monteiro Lobato a seu amigo Godofredo Rangel, a fim de se examinar a comunicação entre textos produzidos para uso na esfera privada e textos destinados à circulação na esfera pública.

PALAVRAS-CHAVE: Monteiro Lobato, Godofredo Rangel, Nietzsche, correspondência

Colocar a correspondência de escritores em diálogo com outros textos por eles produzidos tem apontado caminhos de leitura interessantes. Para uma aproximação da obra de Monteiro Lobato, um bom ponto de partida é uma carta por ele enviada a Godofredo Rangel e publicada no livro *A barca de Gleyre* (LOBATO, 1948, t. 1, p. 352-355). Corre o ano de 1914 quando Lobato, ex-promotor que se tornou fazendeiro, conta ao amigo distante um episódio para ele tão importante que o impele a tomar da pena.

Fazenda, 15, 5, 1914

Rangel:

Que estranha é a alma humana! Vivo há tempos com intenção de escrever-te e não escrevia, embora o *far niente* fosse absoluto. Agora que ocorreu por aqui uma revolução e estou abarbadado de serviços e problemas, acho tempo para esta carta! Imagine você que há dias, cansado de ser hóspede na minha fazenda, cansado da minha literatura a *batons rompus*, cansado de fazer fotografia e de ler uns Balzacs um tanto maçadores, deliberei repentinamente mudar, e da reserva

me passar à ativa. Expus a situação ao meu administrador e dispensei-lhe os serviços. Mas o homem estava aqui de pedra e cal. Sorriuse da minha ingenuidade de diletante e, fingindo ceder, pediu uma semana de prazo e pôs-se a conspirar nas minhas ventas sem que eu percebesse. E sugestionou os camaradas e colonos todos, ameaçou aos que não pôde convencer (ele é parente do Moreira César de Canudos), preparou tudo para uma embolia geral dos serviços, justamente agora que tenho de dar começo à colheita. E finda a semana do prazo me disse com a maior segurança: “Seu doutor, sem eu aqui a colheita deste ano está perdida, mas continuo sempre às suas ordens”, e partiu na besta calçada, *pac, pac, pac*.

A carta surge da necessidade que sente seu autor de relatar algo muito significativo: sua mudança do lugar de observador para o de protagonista. Concorre para a caracterização dessas duas diferentes posições o vocabulário tomado do universo militar: passar da *reserva*, situação do cidadão que pode ser convocado em caso de mobilização coletiva sem contudo ser parte integrante do corpo de oficiais e soldados, para a *ativa*, de efetivo exercício de uma função. Vocabulário que será acrescido de outro significante emblemático neste campo: o nome de Moreira Cesar, comandante das tropas do exército brasileiro que conseguiram vencer os sertanejos de Canudos, por isso considerado herói, sinônimo de coragem e bravura, e que é utilizado na carta para explicar o método de seu aparentado, o administrador demitido: primeiro a ameaça aos subordinados, e depois, se necessário, o uso, sobre os mesmos, de violência.

Mas a referência a Moreira Cesar aponta, ao mesmo tempo e evidentemente, para o universo literário, já que a grande divulgação da história do arraial de Canudos e do beato Antônio Conselheiro se deve à narrativa de Euclides da Cunha, *Os sertões*, livro considerado por Lobato “pleno de fulgurações de um genial impressionismo”, e que, na sua opinião, teve “maravilhosa influência” na produção literária nacional (LOBATO, 1965, p. 7-8). Euclides da Cunha já é uma de suas referências em 1907, quando, chegando à pequena Areias, onde exerceria a função de promotor, escreve a Rangel: “Areias, Rangel! Isto dá um livro à Euclides (e, por falar, Euclides passou uns tempos aqui, ocupando exatamente o quarto que é o meu).” (LOBATO, 1948, t.1, p. 166).

À situação inicial exposta na carta de 1914, de “*far niente absoluto*”, de “hóspede” na própria fazenda, pode-se associar um caráter feminino, doméstico, ao qual se opõe drasticamente o acúmulo de

“serviços e problemas” resultantes da “revolução” empreendida, pela qual o proprietário toma verdadeiramente posse do que é seu e passa à ação. Note-se que o desejo de mudança vem de uma disposição interna – cansaço de fotografar, pintar e ler romances de Balzac (que lhe parecem enfadonhos) – e não de uma necessidade objetiva, surgida em decorrência de algum fato novo: “deliberei repentinamente mudar”. E o objeto da carta é precisamente esta transformação, esta mudança de estilo que mescla vida e literatura.

Lobato continua seu relato:

Eu então solenemente desci da Casa Grande e fui para a Casa da Administração assumir o governo da fazenda em que até aquela data vivera como hóspede. E o que ocorreu foi abracadabrante. Começaram a chegar das fazendas e lugarejos vizinhos carros de boi e burros de tropa, que vinham buscar “meus camaradas”, “meus colonos”. E todos começaram a retirar-se, sem virem me dizer coisa nenhuma. Eu não entendia aquilo. Por fim um velho italiano, o Raimundo, que está na fazenda há trinta anos e cuida da criação e dos serviços do terreno, veio despedir-se de mim.

– Então você vai também, Raimundo?

– Que remédio! Tenho de ir...

– Tem de ir? Como? Não entendo...

– Eu não posso falar, seu doutor. Tenho de ir, tenho de ir...

O caso começou a intrigar-me. Apertei o Raimundo, o qual, por fim, com muito medo, tudo me contou: o administrador passara aquela semana do prazo conspirando contra mim. Arranjara colocação nas fazendas vizinhas para todos os meus colonos, devendo a mudança se fazer no dia em que ele fosse embora, de modo a ficar um êxodo em massa. E a ele Raimundo e a outros ameaçara de morte, se não saíssem também naquele dia. O plano era deixar-me impossibilitado de colher o café – a não ser que eu o readmitisse como administrador, caso em que todos os colonos voltariam e ficaria tudo como dantes. Ou eu cedia ou arruinava-me!

Retesei todos os músculos da alma e virei herói.

– Raimundo, vai-te para o inferno! Que todos vão para o inferno! Não preciso de ninguém aqui! Eu sabia de tudo, escrevi para São Paulo e mandei contratar lá cinqüenta novos colonos. Você vá dizer para esta gente que está saindo, ou vai sair, que o que quero é que saiam todos o mais breve possível, para desocupar as casas. Preciso delas para os colonos novos.

O Raimundo ainda contou que o administrador ia voltar no dia seguinte para ver se alguém o havia desobedecido. E eu: “Se voltar, não passa daquela porteira! Mato-o como quem mata um cão!”.

O pobre homem assombrou-se e foi contar aquilo aos outros. Todos se

convenceram de que o patrão era um homem tremendo, que matava de verdade, e começaram a mudar de idéia, a perder o medo às ameaças do administrador. E como no dia seguinte o truculento administrador não reaparecesse para “ver quem o havia desobedecido”, o pessoal todo foi voltando, muito desapontado. Dias depois estavam todos cá, sem exceção dum só – e eu vencedor e dono final da minha fazenda. Isso aumentou muito a consideração que eu merecia de mim mesmo. Vi que sei agir com firmeza e psicologia nas emergências tempestuosas.

A descrição detalhada de seus movimentos – a descida da Casa Grande e o deslocamento até a Casa da Administração; a enumeração dos transportes rústicos chegando aos poucos, reunindo bois e burros e enchendo-o de surpresa; o discurso direto recriando os diálogos entre o patrão e o empregado; todos os elementos se articulam numa narrativa minuciosa, cujo suspense o narrador leva ao ponto máximo com a frase: “E o que ocorreu foi abracadabrante.”

Aqui cabe uma consulta ao *Caldas Aulete*, dicionário que Lobato utilizava como fonte de pesquisa e estudo, segundo o qual abracadabrante significa “extraordinário, misterioso, mágico”, e deriva de abracadabra, “palavra mágica a que, na antigüidade se atribuía a virtude de curar moléstias” (CALDAS AULETE, 1958, p. 31). Abracadabrante é o que será narrado, o que se passou naquele cenário como em um filme, o surgimento de uma força que lhe era até então desconhecida, uma espécie de cura que o tornou capaz do grande feito que foi enfrentar o parente do Moreira Cesar.

Há na narrativa muitas alusões à força física que, embora não chegue a ser utilizada, está subentendida, e se intercomunica com a força moral, constituindo-se reciprocamente uma a base da outra, o que faz todo sentido numa sociedade em que a violência é moeda de troca e parâmetro de autoridade, hábito expresso na máxima popular “Manda quem pode, obedece quem tem juízo”. A cena descrita na carta é justamente o momento crucial em que se redefine o “quem pode”, o “quem manda”, momento de tensa disputa pelo poder assim sintetizada pelo narrador: “Retesei todos os músculos da alma e virei herói”.

Todo esse esforço acaba tendo, além do resultado esperado que é a vitória sobre o administrador e suas ameaças aterrorizantes, um outro resultado cujas conseqüências talvez sejam ainda maiores: o crescimento da autoconfiança, da “consideração” do narrador-Lobato por si mesmo. O que, veremos adiante, vai lhe dar coragem para enfrentar outras batalhas e outros adversários, desta vez no campo das letras.

Finda a narração do caso, e as considerações sobre seus efeitos no espírito do autor, Lobato passa imediatamente a falar de literatura:

Ontem perdi o sono e concluí a leitura do *Cousine Bette*. Rangel, Rangel! Balzac me assombra. É gênio dos absolutos. Lembro-me duma imagem de Zola, comparando a obra de Balzac a um colossal edifício inacabado – tijolos nus, andaimes, só o arcabouço externo. Não é nada disso. Não tem nada de inacabado – mas Balzac não é homem que desça a truques, remates, ornamentos secundários. Pinta a largas espatuladas. Diz o essencial, cria blocos apenas, mas não alisa a pedra, não usa lixas, não lhes enfraquece a grandeza. Que tipos! Que prodígios! Que coerência! Que fertilidade! Que mina! Que celeiro de idéias e imagens! Que multidão de gente viva estua dentro de seus romances! Como perto dele é pálido e artificial Zola, com sua arte mecânica, sua lógica invariável, seu romantismo despido das belezas heróicas do romantismo! Balzac nem em capítulos divide a narrativa. Aquilo rompe e rasga, e vai numa catadupa tumultuosa, numa avalanche, até o fim. *Quelle puissance!* Já li *César Birotteau* e a *Cousine* e afundo-me agora em toda a sua obra, como num mar. Já não dispenso todo Balzac!

Adeus. Meu ajudante de ordens me chama para resolver qualquer coisa. Vou decidir, impor sabiamente a minha vontade. Sou rei deste território de 1.800 alqueires de montes e vales.....  
.....

Lobato não disfarça a euforia em que se encontra, sentindo-se um homem novo e poderoso, que conhece a própria força e sabe como usá-la. Força que o coloca numa nova posição frente aos colonos da fazenda, que passam a respeitá-lo por ver nele alguém com coragem suficiente para enfrentar o temido administrador. Tal mudança lhe confere afinal a posse de fato de sua fazenda, que era sua até então apenas por direito, fazendo-o sentir-se “rei” e escrever, entre satisfeito e auto-irônico: “Vou decidir, impor sabiamente a minha vontade.”

Este estado de espírito o faz ver com outros olhos a obra de Balzac, a quem agora não poupa elogios, mas que lhe parecera “maçante” no período imediatamente anterior a sua transformação, como contara logo no início da carta. Seus julgamentos literários se mostram intimamente ligados às experiências vividas, e é por isso evidentemente que iniciara a carta com uma referência às leituras entediantes que vinha fazendo para passar o tempo, e que uma vez “abarbado de

serviços”, em lugar de abandoná-las, passa a apreciá-las muito mais, sentindo-se mesmo impelido a comentá-las com o amigo.

Lobato retoma a carta, interrompida pelo chamado de seu empregado – interrupção indicada pelo pontilhado, o que cria um efeito de suspense – para concluí-la brevemente com a narrativa de mais um episódio:

Continuemos. Já atendi ao caso. Foi assim: “Que há, Chico?” principiei. O Chico Eusébio coça a perna e diz: “Não vê que parece que o homem vem mesmo amanhã. Mandou dizer.” Levei o Chico Eusébio para minha sala e mostrei-lhe uma carabina Marlin de doze tiros. Carreguei-a e descarreguei-a diante de seus olhos atônitos. “Doze?” “Doze, sim, Eusébio, e veja que balas.” E ele: “Boas para matar queixadas.” “Ou parentes do Moreira César de Canudos”, emendei eu. “Mande dizer a esse homem que pode vir, mas trate de fechar o corpo primeiro”. Balzaqueano, hein?

LOBATO

Mais uma vez, a encenação da violência, no gesto de carregar a arma com munição, reafirma a coragem e o poder do patrão, que se mostra assim disposto a usá-la contra o administrador, que fez nova ameaça. E cujo nome sequer é mencionado, sendo o personagem designado, ao longo de toda a carta, a partir do parente famoso por seu suposto heroísmo, o que confere à narrativa mais sabor e ao narrador-protagonista maior valor. Valor confirmado pelo comentário final, que equipara a cena vivida/narrada por Lobato com a obra de Balzac, conferindo à primeira, mais uma vez, *status* de literatura.

Em estudo sobre a obra de Kafka, Deleuze e Guattari expõem o funcionamento do que denominam “máquina de escritura”, que engloba todas as modalidades de textos e da qual as cartas são parte integrante, funcionando como uma das possibilidades de escrita, tão legítima e necessária quanto a ficção. Segundo os autores, um escritor “não é um homem-escritor, é um homem político, e é um homem máquina, e é um homem experimental”, e “uma máquina de Kafka, portanto, é constituída por conteúdos e expressões formalizados em graus diversos” (DELEUZE; GUATTARI, 1977, p. 13). Os componentes dessa “máquina de expressão” em Kafka seriam, então, as cartas, as novelas e os romances. As cartas “fazem plenamente parte da obra” “porque constituem uma engrenagem indispensável, uma peça motriz da máquina literária” (DELEUZE; GUATTARI, 1977, p. 43-44).

Talvez possamos considerar da mesma forma a volumosa correspondência de Monteiro Lobato: com sua noiva, que viria a ser sua esposa, por exemplo, um conjunto de cartas de um jovem enamorado já decidido a tornar-se escritor, e que escreve copiosamente (LOBATO, 1969); e principalmente com Godofredo Rangel, colega da faculdade de Direito que também se tornou escritor, amizade mantida a vida inteira pela troca de cartas, que versavam predominantemente sobre as leituras de cada um e os textos por eles escritos. As cartas, os artigos jornalísticos e a ficção – constituída por contos e um romance publicado em capítulos, como folhetim, para adultos; e pela longa série para crianças – seriam então os componentes da máquina literária de Lobato.

Se em Kafka “talvez seja em função das cartas, de suas exigências, de suas potencialidades e de suas insuficiências que as outras peças serão montadas” (DELEUZE; GUATTARI, 1977, p. 44), a correspondência de Lobato com Rangel será igualmente importante, embora funcionando menos como ponto de partida, e mais como laboratório no qual se elaboram muitas das questões que aparecem nos textos dados a público.

Um indício que aponta para a confirmação dessa hipótese: em carta a seu cunhado, Lobato conta em apenas uma frase o que acabamos de ler como uma longa história: “... enchi-me de energias e despedi meu César, homenzinho caro que me custava de 5 a 6 contos por ano, e vamos indo maravilhosamente bem sem ele...” (LOBATO, 1959, t. 1, p. 133). Para outro destinatário, outro tom. Com o cunhado, Lobato é breve e objetivo, afinal é Rangel o escolhido como seu leitor preferencial.

Parece ser nas cartas a Rangel que Lobato exercita seu estilo, e as respostas que dele recebe funcionam como alimento e combustível – “peça motriz” – que aciona sua máquina de expressão:

Andei numa longa estagnação de brejo e me arrependo. Ficou-me por tanto tempo pendurada ao cabide a harpa, que tenho que afinar novamente todas as cordas. Você me veio arrancar ao letargo. Aquela carta marota, que me classificava no gênero “fazendeiro pai de família”, foi um pontapé nos brios adormecidos. (LOBATO, 1948, t. 2, p. 9-10).

Outro indício: no mês seguinte, outubro, Lobato enviará para *O Estado de São Paulo* o artigo “Velha praga”, com que marcará sua entrada na grande imprensa, ao qual sucederá “Urupês” em novembro. Como se, a partir do momento em que escreve a longa carta a Rangel

acima apresentada, a força acumulada por Lobato fosse posta em movimento. Em vez de usar sua carabina Marlin de doze balas, vai atirar com outra munição: as palavras. A literatura e o jornalismo serão sua trincheira.

Lobato foi leitor apaixonado de Nietzsche durante a juventude, e as proposições do filósofo alemão parecem ter deixado marcas importantes no seu pensamento, traduzido em textos intensos nos quais procura imprimir sua força e sua vontade de ação, o que às vezes os torna, por isso mesmo, polêmicos.

No livro *Vida literária no Brasil - 1900* Brito Broca aponta Nietzsche como uma das modas literárias da época, ao lado de Oscar Wilde, Tolstói, Ibsen e Eça de Queiroz, sendo as primeiras referências ao filósofo no Brasil datadas provavelmente de 1900, e sua difusão em versão francesa a partir de 1902 (BRITO BROCA, 1975, p. 112). O interesse de Lobato por sua obra, portanto se insere nesse contexto, e revela o empenho do jovem bacharel em conhecer as novidades literárias e filosóficas. Há várias cartas em que comenta a obra de Nietzsche, copiando trechos e recomendando sua leitura. Como, por exemplo, a enviada ao amigo Albino Camargo, em 1905, quando Lobato está com 23 anos: “Nietzsche para mim é o caos onde fervilham as moneras da idade nova, o que historicamente virá suceder à idade judeu-cristã, e um caos não é suscetível de caber num molde antigo, de ser estudado com aparelhos antigos, visto e compreendido com olhos e cérebros antigos.” (LOBATO, 1959, t. 1, p. 78-79). Mais adiante, declara: “Nietzsche estonteia e me embriaga, mormente agora que começo a *vislumbrá-lo*.” E informa que está “laboriosamente a traduzi-lo”, e que pretende “um dia escrever um estudo sobre ele” (LOBATO, 1959, t. 1, p. 79). Lobato de fato concluiu as traduções de *O anticristo* e de *O crepúsculo dos ídolos*, sem contudo chegar a publicá-las<sup>1</sup>. E entre os cartões postais enviados a sua noiva, coleção por ela cuidadosamente guardada e recentemente publicada, a maior parte com imagens de paisagens e esculturas, encontra-se a reprodução de uma foto do filósofo admirado (LAJOLO, 2006, p. 83).

A correspondência enviada a Godofredo Rangel durante o ano de 1904 também contém inúmeras referências que confirmam o interesse do jovem Lobato pelo autor alemão. Veja-se, por exemplo, este trecho da longa carta datada de 2 de junho: “Chegou-me o Nietzsche em dez preciosas brochuras amarelas, tradução de Henri Albert.



Nietzsche é um pólen. O que ele diz cai sobre os nossos estames e põe em movimento todas as idéias-gérmens que nos vão vindo e nunca adquirem forma.” (LOBATO, 1959, t. 1, p. 56). Lobato encontra na obra do filósofo idéias que se coadunam com as suas próprias e com seu espírito rebelde e questionador, fazendo com que se sintam por elas fertilizado. O recorte que faz de sua obra é bastante pessoal, como se vê neste outro trecho da mesma carta :

Um homem aperfeiçoa-se *descascando-se* das milenárias gafeiras que a tradição lhe foi acumulando n'alma. O homem aperfeiçoado é um homem descascado, ou que se despe (daí o horror que causam os grandes homens – os loucos – as exceções: é que eles se apresentam às massas em trajes menores, como Galileu, ou nus, como Byron, isto é, despidos das idéias universalmente aceitas como verdadeiras). (LOBATO, 1948, t. 1, p. 56-57).

Para o leitor Lobato, então, o “homem aperfeiçoado” seria um homem são, limpo, sem a sarna da tradição que se acumula sobre todos nós e recobre nossos corpos. Uma imagem forte, que corresponde à força da filosofia nietzschiana. Não seria exagerado concluir que Lobato se sente uma dessas exceções, ou que pelo menos escolhe ir nesta direção. Em carta a Rangel de novembro do mesmo ano, Lobato deixará clara esta posição: “Temos de ser nós mesmos, apurar os nossos Eus, formar o Rangel, o Edgard<sup>2</sup>, o Lobato. Ser núcleo de cometa, não cauda. Puxar fila, não seguir” (LOBATO, 1948, t. 1, p. 82).

No final da carta de junho, depois de tratar de outros assuntos, especialmente de Byron e de um romance escrito por Rangel, Lobato volta a mencionar Nietzsche, recomendando ao amigo que escreva na porta uma frase retirada de *Gaia Ciência*: “vademecum – vadetecum”. Esta frase será para Lobato uma espécie de manifesto norteador, e será retomada e explicada a Rangel, detalhadamente, em outra carta, enviada em agosto:

Dum banho de Nietzsche saímos lavados de todas as cracas vindas do mundo exterior e que nos desnaturam a individualidade. Da obra de Spencer, saímos spencerianos; da de Kant saímos kantistas; da de Comte saímos comtistas – da de Nietzsche saímos tremendamente nós mesmos. O meio de segui-lo é seguir-nos. “Queres seguir-me? Segue-te!” Quem já disse coisa maior? (LOBATO, 1948, t. 1, p. 66).

Este parece ser o permanente desejo de Lobato: seguir a si mesmo. Observaremos o exercício de uma convicta independência ao longo de

toda sua vida, expressa igualmente em sua obra, e no pensamento de Nietzsche o jovem leitor encontra suporte para suas escolhas e conduta, construindo uma trajetória em acordo com sua crença. A maneira como Lobato capta a obra do filósofo aproxima-se do modo como Deleuze a explica: “Em lugar de um conhecimento que se opõe à vida, um pensamento que afirme a vida. A vida seria a força ativa do pensamento, e o pensamento seria o poder afirmativo da vida. [...] Pensar significaria descobrir, inventar novas possibilidades de vida.” (DELEUZE, 1976, p. 83 [grifos dos autores]). “Inventar novas possibilidades de vida” foi o que Lobato fez sempre, tanto com a sua própria vida, exercendo diferentes profissões, interessando-se por várias áreas de conhecimento e escrevendo sobre diversos assuntos, como com a vida de seus personagens, no exercício da atividade de ficcionista.

Há de fato uma grande consonância entre a apresentação das idéias de Nietzsche por Deleuze e a forma como Lobato as lê e se apossa delas:

A concepção nietzschiana da arte é uma concepção trágica. (...) A arte é o oposto de uma operação “desinteressada”, ela não cura, não acalma, não sublima, não compensa, não “suspende” o desejo, o instinto e a vontade. A arte, ao contrário, é “estimulante da vontade de poder”, “excitante do querer”. (...) Segundo Nietzsche ainda não se compreendeu o que significa a vida de um artista: a atividade dessa vida que serve de estimulante para a afirmação contida na própria obra-de-arte, a vontade de poder do artista enquanto tal. (DELEUZE, 1976, p. 83-84).

É exatamente como “estimulante da vontade de poder” e “excitante do querer” que Lobato experimenta sua produção literária – a escrita de cartas, de textos ficcionais e de artigos jornalísticos –, que por sua vez se encontra imersa em suas experiências de vida, numa retroalimentação incessante e contínua.

Na leitura de Nietzsche, Lobato encontra também elementos para refletir sobre a forma que então está buscando para seus próprios textos, e encontra nele “um estilo maravilhoso, cheio de invenções e liberdades”, ressaltando que “para bem entendê-lo, temos que nos ambientar nessa linguagem nova” (LOBATO, 1948, t. 1, p. 56). Sua impressão positiva será reafirmada algum tempo depois: “E que estilo, Rangel! Aprendi com ele mais que em todos os nossos franceses. É o estilo do cabrito, que pula em vez de caminhar. Chispa relâmpagos, e chia, urra, insulta.” (LOBATO, 1948, t. 1, p. 66).

Para o escritor em formação, portanto, é da potência e do respeito próprio adquiridos na atividade vital do fazendeiro que nasce a força literária, identificada na obra de Balzac e experimentada nas cartas, necessária para pôr em andamento sua “máquina de escritura”, cujo movimento produtor de escrita estará para sempre marcado pelo ritmo violento de protestos, denúncias e polêmicas, e pela proclamação de uma identidade de homem forte. E é a obra de Nietzsche que Lobato tomará como motivo, fonte de inspiração e modelo que, se não deve ser seguido (“Queres seguir-me? Segue-te!”), pode ser considerado em sua força ativa. Do que resultam, certamente, a atitude agressiva e as posições combativas que assume em seus textos.

#### ABSTRACT

This essay analyses a letter sent in 1914 by Monteiro Lobato to his friend Godofredo Rangel, with the intention of examining the communication between texts produced for use of private entities and texts destined to circulate within the public services environment.

KEY WORDS: Monteiro Lobato, Godofredo Rangel, Nietzsche, correspondence

## REFERÊNCIAS

- BRITO BROCA, José. *A vida literária no Brasil – 1900*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1975.
- CALDAS AULETE. *Dicionário contemporâneo da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Delta, 1958.
- DELEUZE, Gilles. *Nietzsche e a filosofia*. Trad. Edmundo Fernandes Dias e Ruth Joffily Dias. Rio de Janeiro: Rio, 1976.
- \_\_\_\_\_. GUATTARI, Félix. *Kafka: por uma literatura menor*. Trad. Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Imago, 1977.
- LAJOLO, Marisa (org.). *Quando o carteiro chegou... Cartões postais a Purezinha – Monteiro Lobato*. São Paulo: Moderna, 2006.
- LOBATO, José Bento Monteiro. *A barca de Gleyre*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1948. 2 t. (Obras completas v. 11 e 12).
- \_\_\_\_\_. *Cartas escolhidas*. São Paulo: Brasiliense, 1959. 2 t. (Obras completas v. 16 e 17).
- \_\_\_\_\_. *Críticas e outras notas*. São Paulo: Brasiliense, 1965. (Obras completas v. 18).
- \_\_\_\_\_. *Cartas de amor*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1969.

## NOTAS

<sup>1</sup> Os manuscritos originais das traduções, a partir de versões francesas, encontram-se no Fundo Monteiro Lobato – CEDAE, IEL/Unicamp (MLb 4.1.00013)(*Apud* LAJOLO, 2006, p.83).

<sup>2</sup> Edgard Jordão, amigo comum a Lobato e Rangel.